

O ASSOCIATIVISMO ITALIANO EM JUIZ DE FORA: MEMÓRIA E SOCIABILIDADE

Rafael de Souza Bertante*

INTRODUÇÃO

Nos fins do século XIX e no princípio do século XX, Juiz de Fora¹ passou por um contexto de modernização se constituiu como um dos principais núcleos urbano e industrial de Minas Gerais (PIRES, 2009:20). As mudanças que ocorreram na cidade estavam ligadas ao desenvolvimento de obras de infraestruturas e da intensificação, cada vez maior, do comércio e da indústria local. Circunstâncias que funcionaram como atração para diversos imigrante a Juiz de Fora, sobretudo, os de origem italiana, que em muitos dos casos, já trazia consigo alguma formação profissional (CHRISTO, 2000:136).

O movimento imigratório na cidade impulsionou a formação associações filantrópicas e de ajuda mútua. Tais grupos serviam, por diversas vezes aos trabalhadores², como um modo de preencher lacunas, deixadas pela ausência de políticas de previdências promovidas pelo Estado, mas notamos que essas associações funcionavam também como amparo, aos estrangeiros que se adaptavam à uma nova realidade (VISCARDI, 1995:99-100).

Grande parte dos trabalhos existentes sobre a filantropia e o mutualismo, abordam as razões que levavam os indivíduos a prática de caridade e da cooperação mútua. Contudo, estudos tem mostrado que neste meio, também agregou-se a prática de atos aparentemente desinteressados, como por exemplo, algumas doações, poderiam na verdade estarem escondendo o interesse pelo acúmulo - por parte do doador - de capital político ou simbólico, materializados pelo reconhecimento do poder de quem ofertou (VISCARDI, 2008:126-128). Mas este assunto não cabe para este trabalho, que pretende perceber, por outro lado que as associações também poderiam ter funcionado como um meio para

*Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisa financiada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Orientação do Prof. Dr. Marcos Olender.

¹ Cidade localizada na Zona da Mata de Mineira.

² Na maior parte das vezes as associações recrutavam seus sócios através de critérios de exclusão. Assim, na maior parte das vezes, desempregados, subempregados, trabalhadores sazonais, entre outros não podiam participar, mesmo sendo as mensalidades modestas. Os que apresentavam algum problema prévio de saúde ou os que haviam sido condenados pela justiça, também costumavam ficar de fora, assim como as mulheres, os muito jovens ou os muito idosos – mesmo sendo trabalhadores (VISCARDI, 2010:33).

preservar a memória das origens dos estrangeiros, ao mesmo tempo em que promoviam a integração e valorização do novo ambiente.

Para esse objetivo, buscaremos, a partir das análises de gráficos e tabelas sobre a presença italiana em Juiz de Fora, entender como decorreu o momento da chegada e da permanência desses imigrantes à cidade. Notar nas leituras dos trabalhos sobre a imigração em Juiz de Fora, como estava se dando a convivência desses estrangeiros nas associações e observar nos jornais da época, formas de interação dessas pessoas com a população local.

JUIZ DE FORA: A MANCHESTER MINEIRA

Foi, sobretudo, durante a década de 1880 que Juiz de Fora se firmou como capitalista e passou a ser chamada de “Manchester Mineira”. As consequências que lhe proporcionaram essa dominação estavam relacionadas aos investimentos em serviços públicos e atividades urbanas (PIRES, 2009:78-80), resultantes de uma rápida expansão das lavouras de café pela Zona da Mata (OLIVEIRA, 1991:34) e da ligação do capital agrário aos setores mais próximos da modernização capitalista. A presença desse capital logo foi compreendida por empreendimentos como, estrada de ferro, bancos, energia elétrica, transportes urbanos, industrialização³ (PIRES, 2009:20-21) e pela mudança na aparência das construções como aponta Christo:

A face da cidade, ainda marcada por edificações que lembravam a herança colonial portuguesa, vai-se modificando com a introdução de uma arquitetura mais sofisticada, principalmente na Avenida Rio Branco, antes Rua da Direita, e nas ruas centrais, em direção ao Alto dos Passos, região onde também se concentravam os investimentos públicos. (CHRISTO, 2000:142)

A forma como a modernização decorreu em Juiz de Fora também foi perceptível em outras cidades brasileiras, principalmente as que estavam ligadas à indústria ou ao café. Pois essas mudanças muitas vezes eram resultado da concentração de renda na região, da

³É importante ressaltar que a economia juizforana, neste contexto, era secundária se comparada a grandes regiões do país como Rio de Janeiro ou São Paulo, o que não exclui sua importância para a região e para a época em estudo (PIRES, 2009, p. 20-21).

presença de rede ferroviária e da existência de mão de obra especializada. Juiz de Fora, contou com esses três quesitos, além de uma importante estrada de rodagem⁴ (CHRISTO, 2000:143) e da construção, no ano de 1889, da primeira Usina Hidroelétrica da América do Sul, concedida por Bernardo Mascarenhas (OLENDER, 2011:55).

A CHEGADA DO IMIGRANTE

Do outro lado do Atlântico⁵, um forte movimento imigratório levou muitos europeus a arriscarem a vida em novas terras durante o século XIX e XX. Entre as causas impulsionaram essa transição pode-se apontar a impossibilidade de sustentar a si e à sua família, devido a um excedente da mão de obra no campo⁶ ou ainda, casos de perseguições étnico-religiosas, que cresciam em meio a uma Europa de afirmação de Estados Nacionais. As possíveis saídas para muitas dessas pessoas seriam o êxodo rural ou a emigração para a América (FEREZINI, 2003:74).

No Brasil a presença de imigrantes se intensificou durante a segunda metade do século XIX, quando o Governo Imperial promoveu a Política Imigratória. Entre os diversos objetivos desta política estavam, levar pequenos proprietários para a Região Sul e buscar mão-de-obra para os grandes fazendeiros (FEREZINI, 2003:74).

Em Juiz de Fora, as medidas iniciais para receber imigrantes buscavam criar núcleos coloniais próximos ao “Caminho Novo”⁷ com o intuito de garantir mão-de-obra, ao mesmo tempo em que se ocupava e povoava regiões antes não exploradas. Mas o primeiro impacto significativo da imigração na região aconteceu durante a construção da

⁴ Estrada responsável por aproximar o interior de Minas à Capital Rio de Janeiro (CHRISTO, 2000:143).

⁵ Invertendo o sentido apontado por Trento (1989) que escreveu seu livro pensando no território europeu e contando sobre os italianos em terras brasileiras. Aqui, pensando do Brasil, apontaremos alguns motivos que levaram os europeus a saírem de suas terras e desembarcarem na América.

⁶ O excedente da mão de obra na Europa pode ser explicado pelo aumento significativo na taxa de natalidade e o desenvolvimento da mecanização agrícola, que ocorreu em fins do século XVIII. (FEREZINI, 2003:78).

⁷ A Estrada citada foi elaborada com o intuito de facilitar o acesso ao centro de Minas Gerais para comerciantes vindos da província do Rio de Janeiro, além de melhorar a vazão e a fiscalização do fluxo do ouro (MIRANDA, 1990:85).

Estrada União Indústria, em meados do século XIX, com a chegada de imigrantes da Alemanha⁸ (OLIVEIRA, 1991:46-52).

Entretanto, o movimento imigratório se intensificou, de fato, no final do século XIX com a criação da Hospedaria Horto Barbosa⁹ e dessa vez marcado por uma vasta presença de pessoas vindas da Itália. A hospedaria foi criada em 1888 e encerrou suas atividades em 1906. Durante esse período documentou, as entradas e saídas de imigrantes, os que passaram pela enfermaria e os óbitos que ocorreram na mesma. Entre os propósitos da hospedaria constava o de oferecer mão-de-obra para o mercado. Boa parte dos imigrantes desembarcados no porto do Rio de Janeiro, iam para a hospedaria onde eram sediados e registrados, durante um curto tempo para que estabelecessem contratos de trabalho no país. Após isso, os imigrantes saíam para as lavouras de café, para indústrias ou para construções civis, sobretudo, para São Paulo, de volta ao Rio de Janeiro ou para o interior de Minas Gerais. Juiz de Fora a princípio, não necessitava tanto de mão de obra para as lavouras de café, pois encontrava-se em uma região escravista. Porém, ainda assim é possível perceber a permanência de alguns grupos de imigrantes na cidade (CHRISTO, 2000:131-132).

Segundo estudos de Oliveira entre o período de 1896 a 1906, a Hospedaria Horto Barbosa, chegou a registrar 24.572 imigrantes. Desse total, 2.804 pessoas permaneceram em Juiz de Fora, se direcionando para trabalhos em zona rural e zona urbana. Vale ressaltar que o número mencionado não contabilizou todos os imigrantes que vieram para a cidade, pois muitos vinham para ficar em casas de amigos ou familiares que já haviam se estabelecido no local. Os registros da Hospedaria mostram que 1551 pessoas, se fixaram em zona urbana e que desse total, 88% permaneceram de forma espontânea, enquanto os outros 12% ficaram, pois haviam sido chamados para trabalhos. Uma possível explicação para tal permanência espontânea poderia estar embasada no nível de urbanização da cidade

⁸ A via cumpria o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a província de Minas Gerais para o escoamento do café (OLIVEIRA, 1991:46-52)..

⁹ Segundo Biondi, a Hospedaria Horto Barbosa foi durante muito tempo a principal hospedaria, com essas características, dentro de Minas Gerais. Instituições desse tipo existiam, também em outras cidades, como por exemplo, São Paulo (BIONDI, 2009:42).

e as oportunidades de empregos oferecidas, principalmente para os que tinham uma qualificação profissional (OLIVEIRA, 1991:109-111).

O ASSOCIATIVISMO ENTRE OS ITALIANOS

A leitura sobre a presença dessas pessoas em ambientes tão distintos dos seus, nos levou a refletir sobre a forma na qual faziam para se estabelecer em uma nova realidade. Além do clima, das tradições e do idiomas diversos dos seus, os italianos viviam um contexto de recém-unificação da Itália. Os costumes, dialetos e até as rivalidades existentes entre as diversas regiões que antes compunham parte da Península Itálica se convergiam no momento em que desembarcavam em terras brasileiras. Apesar das diferenças, eram todos rotulados como italianos. Portanto, quais recursos poderiam ser utilizados por essas pessoas para se adaptarem e estabilizarem no novo contexto?

A procura por respostas a essas questões começaram a aparecer junto a leituras sobre a imigração italiana na cidade de Juiz de Fora¹⁰. Essas leituras mostraram que muitos desses imigrantes procuravam se associar a grupos filantrópicos ou de ajuda mútua, em busca de uma estabilidade e uma melhor adaptação à nova realidade. A prática associativa entre imigrantes italianos foi muito constante por todo o Brasil nos fins do século XIX - momento de maior fluxo imigratório em terras brasileiras (TRENTO, 1989:170). Cabe ressaltar que essa prática também funcionava, para estrangeiros ou não, como uma resposta à ausência de um Estado promotor de políticas de previdências (VISCARDI, 1995:99-107).

Mas as propostas de tais associações ultrapassavam a assistência aos menos favorecidos. A sensação de deslocamento - sendo estes não mais pertencentes a nenhum dos dois países (IANNI, 1972:110-111), uma vez que sua terra natal havia ficado para trás e no novo país eles muitas vezes não tinham conhecidos – acabava incorporando outros

¹⁰ O tema deste trabalho surgiu do estudo desenvolvido no Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA), cujo título é “A Contribuição da Imigração Italiana para a Produção Arquitetônica de Juiz de Fora”. Ao iniciar a pesquisa, entramos em contato com algumas leituras, que apresentavam a história de Juiz de Fora e contextualizavam a imigração italiana junto à urbanização da mesma. Dentre as leituras podemos destacar o livro “Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri”, de Olender (2011), o texto “Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão” de Christo (2000) e a dissertação de Oliveira “Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)” (1991).

sentidos as associações. Além do amparo, esse meio também funcionava como uma forma de preservar a memória das origens dos imigrantes, ao mesmo tempo em que promovia a integração e valorização do novo ambiente (FEREZINI, 2003:81).

A MEMÓRIA E A SOCIABILIDADE DAS ASSOCIAÇÕES

As associações que se formavam nesse período traziam consigo as mais diversas características. Além do caráter assistencialista, elas também poderiam ser: musicais, religiosas, políticas, esportivas e outros. Porém, para esse trabalho nos interessa observar as associações que tinham como caráter serem étnico-italianas.

O fato dessas pessoas se ligarem em torno da questão de sua origem nos implica na construção de identidade étnicas. Barth nos mostra que na antropologia, a definição de grupos de identidades étnicas é entendida como a designação de uma população que se autoperpetua do ponto de vista biológico, que compartilha de valores culturais fundamentais, que constitui um campo de comunicação e interação e tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados para outros (BARTH, 2000:27-29).

A construção da identidade, segundo Pollak, se faz a partir de três elementos essenciais sendo eles o sentimento de ter fronteiras físicas, como o corpo, ou um grupo; a continuidade dentro do tempo, esse abarcando o sentido físico, moral e psicológico, da palavra; e por fim, o sentimento de coerência, o qual os diferentes elementos que formam o indivíduo são efetivamente unificados. Assim podemos notar que a memória também é um elemento componente do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator externamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992:5).

Os Interesses e as necessidades específicos, acabam por conduzir os homens a se agrupar em associações, sejam elas de caráter econômicos, étnicos, religiosos ou outro qualquer. Um conceito que nos ajuda a compreender esse ato é o de sociabilidade. A sociabilidade remete a práticas sociais que põem em relação um grupo de indivíduos que efetivamente participam delas e analisa o papel em que podem atuar (QUIRÓS,

2008:11). A sociabilidade é uma construção social e realiza-se por meio da vida cultural que viabiliza a junção das formas associativas concretamente existentes (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005:37).

Logo as interações que surgem desses interesses ou necessidades levam os indivíduos a formarem uma unidade. Qualquer que seja o motivo acionado pela interação, acaba desencadeando redes de reciprocidades, expressas nas formas sociais, delas derivando ou criando, dizendo assim, as associações (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005:32-33).

O ASSOCIATIVISMO ITALIANO EM JUIZ DE FORA

Uma quantidade significativa de associações se constituíram na cidade de Juiz de Fora no século XIX e princípio do século XX. Sendo que a maioria se caracterizou como mútuas ou filantrópicas. As mútuas¹¹ se caracterizavam por prestar socorro aos seus membros e tinham como sustento contribuições dos próprios integrantes. Enquanto as filantrópicas¹², em sua maioria, eram religiosas ou criadas por setores sociais privilegiados e tinham como finalidade, prestar socorro a quem necessitasse e a pratica de ações de caridade (VISCARDI, 1995:103).

Entre essas associações, as que ainda se caracterizavam por serem étnica e formadas por italianos traz um elemento curioso. Normalmente, esses grupos se caracterizavam por terem uma duração curta e por contarem com um número de sócio relativamente pequeno. Apesar disso, foi significativa a quantidade de associações criadas pelo país. A proliferação das associações italianas pode ser justificada pelas rivalidades de ordem pessoais e regionais, devendo se atentar que essas diferenças vão além de um sentido preconceituoso, mas muitas vezes aconteciam pela própria dificuldade de compreensão linguística (TRENTO, 1989:161-162).

¹¹ Viscardi aponta que o mutualismo também poderia ser uma estratégia para se atingir determinados fins genéricos, e que na verdade, pouco tinha de coletivos. (VISCARDI, 1995:103).

¹² Segundo estudos de Viscardi não se pode descartar a hipótese de que as associações filantrópicas estivessem preocupadas também com a construção e manutenção do poder local (VISCARDI, 1995:105).

As associações já existiam em terras italianas desde 1850, no Brasil tornaram-se oficiais em 1886 (FEREZINI, 2003:96). Mas, mesmo antes de se tornarem legais, é possível notar o funcionamento de algumas dessas em Juiz de Fora. Segundo estudos de Viscardi, entre os anos 1876 e 1920, tem-se o registro de 99 associações em Juiz de Fora. Deste total, 16 ou 36,36% delas, tinham o caráter étnico como formador, sendo que dez delas eram de origem italiana (VISCARDI, 1995:108-100). Podemos, elencar algumas delas, como a *Società Operaria Italiana di Mutuo Soccorso e di Mutua Istruzione* (1878), a *Società Operaria Italiana di Mutuo Soccorso e Beneficenza Humberto Primo* (1887), a Fanfarra Italiana formada aproximadamente em 1900, a Sociedade Beneficente Príncipe de Piemonte, constituída aproximadamente em 1900, a *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour* (1902) e a Irmandade de São Roque (1902) (CHRISTO, 2000:151-153).

Notamos, que essas associações traziam junto de si o amparo, o entretenimento e a manutenção da memória do solo italiano, além de desenvolver interação com a população local. Tal vez, a *Società Operaria Italiana di Mutuo Soccorso e Beneficenza Humberto Primo*, seja um bom exemplo para essa afirmação.

De início, cabe ressaltar a própria denominação usada pelo estabelecimento que, como outros existentes na cidade, trazia o nome de uma importante figura do processo de unificação da Itália. O uso dessas referências para as instituições poderia indicar alguma proximidade com o estado Italiano. Até porque, cabia em algumas ocasiões que essas associações recebessem autoridades italianas na cidade. (O PHAROL, 22/04/1926:1). Além disso, a *Società Humberto Primo* promovia em seu interior, o resgate da cultura italiana através de bailes, festividades, comidas típicas, canções e da transmissão da língua, essa última era realizada pela escola Umberto Primo, onde as crianças tinham aulas de português e de italiano (CHRISTO, 2000:153).

As comemorações, normalmente tinham como tema, os festejos cívicos italianos, por exemplo, o aniversário da constituição e unificação italiana. Essas ocasiões eram momentos de reunir várias associações, que promoviam desfiles de estandartes pelas ruas, ao lado de bandas de músicas. Esses momentos também ficaram marcados por receberem representantes do governo italiano. (CHRISTO, 2000: 162)

Para divulgar esses eventos, as instituições recorriam aos jornais local. Além de noticiarem eventos internos, muitas vezes em idioma italiano, é possível ver nos jornais da época, convites para a população participarem das festividades promovidas por associações italiana. O jornal “O Pharol”, por exemplo, foi utilizados algumas vezes para convidar a população de Juiz de Fora a participar de suas solenidades, como no centenário do nascimento de Camillo Benso di Cavour, em que a *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour* convidou “ao povo em geral a comparecer” a uma sessão solene. (O PHAROL, 09/08/1910:2).

Conclusão

Dessa forma pode-se concluir que boa parte dos imigrantes italianos, encontravam-se sob a necessidade de associarem a grupos que pudessem os ajudar a adaptar à nova realidade, mas que também mantivesse viva a memória de sua terra natal. A cultura e a lembrança presente nesses grupos, acabavam funcionando como uma forma de integração e valorização do novo ambiente para esses. As festas organizadas a partir dessas associações possibilitavam reviver uma cultura, afirmar a devoção a um santo, mas também renovar e reforçar relações sociais entre os membros e a sociedade. Farezini (2003) mostrou na leitura de jornais da época, que a população aceitava e participava das festas promovidas por essas associações, até aproveitavam esses eventos para fazer novas relações sociais e firmarem outras já existentes. Portanto essas associações e eventos produzidos acabavam por formar um intercâmbio cultural, onde alguns de seus costumes são lembrados e algumas vezes até adotados pela própria população da cidade.

FONTES PRIMÁRIAS

Jornal **O PHAROL**. Juiz de Fora: 03/071890:2, 05/071890:2, 08/09/1894:2, 08/19/05/1905:2, 17/11/1907:1, 09/06/1909:2, 09/08/1910:2, 25/01/1919: 1-2, 11/11/1925:4, 22/04/1926:1. Disponíveis em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=258822&pesq=>> acesso em 18 de maio de 2015.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ALCÂNTARA JÚNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. In.: **Ciências Humanas em Revista**. São Luís: 2005. V. 3, n.2.

BARTH, Frederik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: **Revista Locus**, Juiz de Fora, v 15, n. 1, 2009.

CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) **Solidariedades e Conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

CUNHA, Mafalda Soares da. Redes sociais e decisão política no recrutamento dos governantes das conquistas, 1580-1640» in FRAGOSO, João e GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.), **Na Trama das Redes**. Política e negócios no Império Português. Séculos XVI-XVIII, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2010, p. 117-154

FEREZINI, Valéria Leão. **A “Questão São Roque”**: Devoção e Conflito, Imigrantes italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora (1902-1920). Dissertação (Mestrado em Historia). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FILHO, J. Procópio. **Salvo Erros ou Omissão**: gente juiz-forana. Juiz de Fora: 1979.

FRUGOLI Jr., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

LEIVA, Pilar Ponce & AMADORI, Arrigo. **Redes sociales y ejercicio del poder en la América Hispana**: consideraciones teóricas y propuestas de análisis, Revista Complutense de historia de América, vol. 34, 2008, p. 15-42.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e Poder**: Políticas Públicas e Questão Urbana na Velha Manchester Mineira. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, 1981, pp.07-28. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>

OLENDER, Marcos. **Ornamento, ponto e nó**: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro – **Imigração e industrialização**: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920). Dissertação (Mestrado em História) Niterói, UFF, 1991.

OLIVEIRA, Paulino. **Efemérides Juizforanas (1698 - 1965)**. Juiz de Fora: UFJF, 1975.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Indústria**: Juiz de Fora 1889-1930. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1992, vol.5.

QUIRÓS, Pilar González Bernaldo de. La « sociabilidad » y la historia política. In.: **Nuevo Mundo**. 2008.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Mutualismo e Filantropia. In: **Revista Lócus**, Juiz de Fora, v 1, n. 1, 1995.

_____, Cláudia. Experiências da prática associativa no Brasil (1860 - 1880). In: **Topoi**. V. 9, n 16, 2008, p.117 – 136.

_____, Cláudia. O Estudo do mutualismo: Algumas considerações historiográficas e metodológicas. In: **Revista Mundo dos Trabalho**, vol.2 n 4, 2010, p. 23-39.